

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica (A.M.)

Class.: 440

Data 10 de abril de 1981

Pg.: _____

190 ANDARILHO DA JUSTIÇA

Fábio Lucena

O Arcebispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, encontra-se, de novo, no setentrão amazônico. De Manaus, onde fez palestras sobre a situação dos povos indígenas e trabalhadores rurais, Pedro Casaldáliga seguiu para Boa Vista, em Roraima, a fim de ver a real situação dos índios Yanomani e de também analisar as questões fundiárias daquele Território.

No dia 27 de outubro de 1976 a revista VEJA publicou uma interessante entrevista com Pedro Casaldáliga. Foi a partir daquela publicação que o padre espanhol, hoje tão brasileiro, começou a ser perseguido pelas vestais da ordem vigente, em particular pelas preocupadas com ver a terra dominada pela mão dos poucos, em prejuízo dos muitos — dos milhões — que a transformaram em discórdia.

Vale a pena recordar a entrevista de Casaldáliga. "A terra — disse o bispo — este é o problema: afeta a maior parte da população, a mais marginalizada, os índios, posseiros e peões. É um problema que tem sido oficialmente embruihado. Terras foram vendidas, entregues, doadas, numa incrível acumulação de títulos. A própria Fundação Nacional do Índio admitiu que uma área de terra no Parque do Xingu foi vendida três vezes, em 1969".

Casaldáliga tornou-se figura de projeção nacional desde quando, com firmeza e determinação, se lançou em defesa das vítimas dos grileiros e latifundiários inescrupulosos: "Quando cheguei a Mato Grosso — confessa —, a situação era trágica. Havia crimes, furos, suborno nas ruas de São Félix — e a polícia no meio de tudo. No primeiro intento de organizar a nossa pastoral, percebemos de imediato que o problema era o latifúndio. As leis e os benefícios fiscais beneficiavam o latifúndio, esquecendo e esmagando os pequenos. Escrevi então um documento, "Escravidão e Feudalismo no Norte de Mato Grosso", mas a conselho da nunciatura não o publiquei. A nunciatura achava que o documento poderia prejudicar a imagem do Brasil no exterior".

Depois no Congresso Nacional sobre a questão fundiária, Dom Pedro surpreendeu a deputados e senadores com a gravidade de suas denúncias e volume de informações. Em 1973, roubaram-lhe o arquivo e ele se queixa: "Lamento não poder contar muitas histórias porque não tenho documentação. O povo não tem coragem de contar essas histórias, pois vive aterrorizado. Mas tudo o que se diga de ligação entre as autoridades policiais de Mato Grosso, de um lado, e o latifúndio, de outro, é pouco. Eu disse tudo isso a três elementos do SNI, em minha casa, e mais: no dia em que eles trouxessem para a região um delegado honesto, eu viraria crente. É uma situação desesperadora. Tiram um delegado que não presta, vem outro que não presta".

Também o INCRA não escapou ao crivo do Arcebispo de São Félix: "Eu sou uma das pessoas neste país que mais têm prestigiado o INCRA — disse Dom Pedro. Mas temos chegado cada vez mais à conclusão de que este órgão não é ninguém, não pode absolutamente nada. O povo, quando se refere a ele diz o "Incravado". Depende de muitos órgãos que lhe são superiores, de ministérios e de interesses.

Eis o retrato em tamanho pequeno desse andarilho que defende os pobres e os desamparados, que faz do público a tribuna por onde falam as vozes dos oprimidos de todo o gênero; que esteve em Manaus, que está em Roraima estudando o problema das terras e os dramas dos índios. Espanhol de nascimento, veio para o Brasil cumprir o seu destino de pregador imortal do Evangelho, da Justiça e da Liberdade.